

Perfil

Mário Garófalo

Ele fez de Getúlio garoto-propaganda

FERNANDO PINTO
fpinto@jornalcoletivo.com.br

Com sua vasta cabeleira branca, a cabeça grande bem moldada de centurião romano sobre o corpo longilíneo de toureiro, o rosto branco de traços finos – a primeira impressão que se tem de Mário Miguel Nicola Garófalo é que se trata da figura de um conde descendente de alta linhagem italiana. Nada mais enganador. Foi com essa aparência nobre que o repórter Mário Garófalo (como ficou conhecido nacionalmente) conseguiu façanhas inacreditáveis com o microfone na mão, a mais audaciosa delas quando transformou em garoto-propaganda o então poderoso e temido presidente Getúlio Vargas, em favor da firma que patrocinava sua rádio e que

naquele momento transmitia em cadeia nacional. O insólito diálogo aconteceu no Rio de Janeiro, a 31 de janeiro de 1951. Hoje, 52 anos depois, Garófalo relembra a audaciosa entrevista exclusiva:

- Como Vargas havia dito logo após assumir a presidência da República que se empenharia pelo barateamento do custo de vida, aproveitei para lhe perguntar ao vivo o que ele podia dizer sobre a venda pela metade dos preços do magnífico estoque das Casas Gebara, que fizera essa “queima” com o intuito de colaborar com seu plano de governo. Apanhado de surpresa, aí o Presidente respondeu: “Acho excelente. Merece louvor essa medida!...”

Dá uma sonora gargalhada:

- E aí eu saí correndo, antes que fosse preso.

Dotado de audácia na ponta da língua e agilidade nas pernas, o repórter Mário Garófalo escapou da prisão em flagrante por ter ridicularizado um presidente da República, mas Getúlio Vargas não esqueceu da insólita entrevista. Isso ficou comprovado quatro meses depois daquela fuga estratégica:

- Como repórter credenciado na sala de imprensa do palácio do Catete, recebi uma pauta para entrevistar o Presidente sobre a campanha nacional contra o câncer. Ele se encontrava de férias em Petrópolis. Mas já na portaria da residência oficial, percebi que não ia ser fácil quando me informaram que eu não podia entrar, até porque o Presidente se encontrava na rua. Resolvi então esperá-lo. Quando ele apareceu, me aproximei e cumprimentei-o respeitosamente. Getúlio parou, me olhou da cabeça aos pés, ajeitou o seu charutão na boca e disse: “Ah! é você por aqui!”.

Garófalo suspira, só de lembrar:

- Respondi, meio temeroso, que me encontrava ali para entrevistá-lo sobre a

campanha nacional contra o câncer; ele podia falar a respeito? Getúlio não respondeu. Continuou caminhando, eu atrás dele, insistindo na resposta se ele me daria ou não a entrevista, pode ou não pode, Excelência? Na terceira vez, ele se dignou a responder: “Posso, sim, contanto que você não faça aquelas perguntas impertinentes!” E arrematou, virando-se para o seu guarda-costas de confiança: “Gregório, conduza o Garófalo até o salão nobre...” No tal salão, não vi tomada nas paredes para instalar o meu equipamento. Aí o Gregório, que era meu chapa, apontou para a única tomada que ficava bem debaixo da cadeira do Presidente. E quando eu estava acororado fazendo a ligação, ouvi nas minhas costas a voz de sotaque inconfundível do Getúlio: “Já tomastes conta de tudo, não é?”

Aquela altura com 31 anos de idade, seis de jornalista e quatro de rádio-repórter (modalidade inaugurada por ele), o magrelo Mário Garófalo já era conhecido e respeitado em todo o Rio de Janeiro, então capital federal, onde chegara aos 15 anos e

conseguira emprego de vendedor de rádios – isso depois de escapar de vestir uma batina de padre.

- Filho de um casal de italianos que amava o Brasil, tive uma infância muito feliz. Cresci ouvindo trechos de ópera porque meu pai, José Garófalo, nascido numa cidadezinha no sul da Itália, era um grande barítono; e minha mãe, Inez Bisceglia Garófalo, de Torino, era uma excelente pianista. Fiz meus primeiros estudos no Marista e depois no salesiano de Fortaleza. Porém como eu era o mais velho de seis irmãos, três meninos e três meninas, meu pai me mandou fazer o aspirantado num seminário católico de Jaboatão, Pernambuco, cumprindo a tradição do sul da Itália de que o filho primogênito tinha de ser padre.

Já quase no último ano do ginásio, o que correspondia completar o seminário menor que daria acesso à Faculdade de Teologia, um pequeno episódio impediu que o adolescente Mário Garófalo se ordenasse sacerdote católico, a que ele atribuiu como consequência de seu espírito de rebeldia e autenticidade:



- No seminário, fui acusado por um clérigo italiano chamado Daversa por um ato que não havia cometido. Chamei-o na cara de mentiroso. Ele me ameaçou dizendo que ia me levar à presença do padre diretor. Eu respondi: “Então,

vamos!”. Ele desistiu, alegando que daquela primeira vez me perdoava. Gritei com ele: me perdoava de quê, se eu não tinha feito nada! E eu mesmo fui conchou dizendo que ia me levar à presença do padre diretor. Dias depois, o padre-diretor me chamou em sua sala e

me disse: “Garófalo, meu filho, você não dá para ser padre porque você não se humilha”. E eu respondi, quase chorando: “Senhor padre-diretor, não é o problema de me humilhar, não. Eu quero é que prevaleçam a verdade e a justiça!”



Amigo de Papas e Presidentes

Graças à sua espontaneidade, Mário Garófalo conseguia se aproximar e, mais do que isso, entrevistar figuras inacessíveis a outros repórteres, como no caso de Getúlio Vargas. E no final ficava mais ou menos íntimo de todos, como no caso do Papa João Paulo II e do Presidente Fernando Henrique Cardoso (fotos). De todos os presidentes da República, incluindo os generais, Garófalo só não conseguiu quebrar a austeridade de Jânio Quadros “porque ele não me deu tempo pra isso”.

